



METÁFORA, COMPARAÇÃO E CONTINGÊNCIA

METAPHOR, COMPARISON AND CONTINGENCY

André da Cunha Melo¹
PPGL-UFPE

Resumo: Este ensaio tece brevemente um comentário sobre os avanços da Literatura Comparada e o que eles significam para a percepção contemporânea de Literatura, que é perpassada pelos fatores socioculturais de sua produção. Essa percepção sugere que toda produção é inerentemente política, o que significa dizer que seria possível analisar as complexas teias culturais e políticas de qualquer obra literária, em comparação ou não com outras produções, através da maneira como se constrói a metáfora naquele gesto criativo, ou seja, analisar a carga política que está implícita metaforicamente. Abrir mão de conceitos rígidos é fundamental nesse processo, e por isso abraçar a contingência da contemporaneidade é um gesto natural e coerente com as complexas teias de relações do mundo colonizado, cuja produção é inevitavelmente política.

Palavras-Chave: Metáfora; Comparação; Política.

Abstract: *This essay briefly comments on the advances of Comparative Literature and what they mean for the contemporary perception of Literature, which is permeated by the sociocultural factors of its production. This perception suggests that all production is inherently political, which means that it would be possible to analyze the complex cultural and political webs of any literary work, in comparison*

¹ andre.lscmelo@ufpe.br

or not with other productions, through the way in which the metaphor is constructed in that creative gesture, that is, analyzing the political cargo that is metaphorically implied. Leaving aside rigid concepts is fundamental in this process, and for that reason, embracing the contingency of contemporaneity is a natural and coherent gesture with the complex webs of relations of the colonized world, whose production is inevitably political.

Keywords: *Metaphor; Comparison; Politics.*

1 OUTRO OLHAR PARA O LITERÁRIO

Na ocasião de seu surgimento, a Literatura Comparada se detinha a um exercício bem limitado: tecer as relações entre duas literaturas distintas, enxergando e dando ênfase à passagem de um elemento literário de uma nação à outra, o que reforçava a ideia de universalização literária. Foi diante de grandes mudanças de paradigmas que as Comparadas vieram a se tornar o que conhecemos hoje. A efervescência do século XX já apontava para uma atualização daqueles conceitos iniciais, inclusive a interdisciplinaridade, que é a forja de atualização da disciplina. Ora, Carvalhal (1991) nos lembra que a necessidade de interdisciplinaridade já existia em Van Tieghem, insinuada no capítulo “Diferentes domínios da literatura comparada” de *A Literatura Comparada*, mas sabemos que só ganharia o escopo que nós conhecemos mais adiante naquele século, alcançando proporções que o russo não poderia sequer conceber quando a disciplina é disseminada na América Latina. Os terrenos para aquelas reflexões, afinal, ali ainda não existiam: na década de 30, as preocupações da Literatura Comparada ainda giravam em torno de uma pretensão superficialmente cosmopolita e interdisciplinar; na década de 70 é que surge uma preocupação com as questões políticas, sociais e culturais que vão ser injetadas, com toda a sua complexidade e pertinência, no gesto interdisciplinar que define a disciplina. A consciência de meados do século XX de que a comparação não é um fim em si mesmo, mas um recurso no qual se estuda uma relação, atende uma demanda específica por essa questão, que exigia a atualização de parâmetros, preceitos e conceitos. Comparar, no final do

século passado, já havia se tornado mais do que simplesmente sobreposição: era um gesto de investigar e compreender não só o objeto material (a literatura) mas aquilo sobre a qual e pela qual foi produzida (a cultura).

Isso é normal. As disciplinas, os métodos e os campos do saber se atualizam conosco. A primeira grande mudança veio com René Wellek em 1958, através de fortes críticas às fragilidades teóricas da disciplina em decorrência de uma ênfase exacerbada na historiografia, submetendo o fenômeno literário às “famílias literárias” (COUTINHO, 2014). Apenas uma década antes crescia o interesse, nas artes, de uma perspectiva mais aberta à interação – Carvalhal (1991) nos lembra Calvin S. Brown e Thomas Munro, ambos defendendo uma interrelação artística que será recuperada na segunda metade daquele século por figuras como Henry Remak, que dirá:

A Literatura Comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país em particular, e o estudo das relações entre literatura de um lado e outras áreas do conhecimento e crença, como as artes (pintura, escultura, arquitetura, música), filosofia, história, as ciências sociais (política, economia, sociologia), as ciências, religiões, etc. de outro. Em suma, é a comparação de uma literatura com a outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana. (REMAK, 1971, p.1)

O que se observa nesse conceito, fruto de uma mentalidade e uma necessidade por maior espectro de alcance, por uma ruptura com padrões repetidos há décadas, são duas coisas: em primeiro lugar, a notável abrangência entre comparações interartísticas; em segundo, a implícita, porém necessária aplicação de crítica no gesto comparativo, pois só assim podem ser explorados aspectos tão profundos como a história, a economia, a cultura, a religião e afins, e como isto se relacionado com o fenômeno literário. Isso dialoga diretamente com a crítica de Wellek ao descritivismo na Literatura Comparada, uma década antes, e foi essencial para seu alargamento, estando em consonância com os clamores por mais interrelações entre as artes e seus estudos. Tal “abertura” da Literatura Comparada é o que ao mesmo passo faz dela um lugar mais

internacional e inclui literaturas até então invisíveis ao cânone. O que isso naturalmente gera é um novo tipo de comparatista: aquele que, por uma demanda crítica e investigativa, mergulha a fundo em uma gama variada de aspectos artísticos e culturais: “a Literatura Comparada torna-se no mínimo duplamente comparativa”, porque se confronta o texto com “outras formas de expressão cultural” (CARVALHAL, 1991, p. 12-13).

Esse novo comparatista é um resultado de seu tempo, das necessidades intelectuais e culturais de seu tempo. Trazendo outras áreas do saber e outras perspectivas à tona, enriquecia a maneira como a Literatura era entendida. Esse mesmo tipo de comparatista vai pensar, por toda a América Latina, em outras questões que perpassam justamente as questões que investiga: o colonialismo. Ele confronta os restos da Escola Americana ao criticar o discurso apolítico, percebendo também o discurso homogeneizante que ainda sobrevivia em meio aos estudos. Daí fica evidente como, novamente, ao abrir as portas para outras áreas, a Literatura Comparada pôde crescer – melhor, nossa perspectiva do que é *literatura* pôde crescer. Desde a década de 50 (com *Discourse on Colonialism*, de Aimé Césaire) até 80 (com o *Orientalismo* de Edward Said) tivemos uma série de estudos pós-colonialistas, e daí uma preocupação com a relação entre cultura e literatura que revitaliza nossos conceitos de ambas. Hoje, com a contribuição dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, a literatura tem sido palco de extensas discussões e análises sobre a ação humana, a identidade, a política e a cultura, enriquecendo de forma decisiva as humanidades. Esse sentimento de desconstrução das “estruturas petrificadas da metafísica ocidental” (COUTINHO, 2014, p. 35) criou raízes firmes na década de 90; no século XXI, o combate à esquemas homogeneizantes já é bem estabelecido e a expressão literária em sua completude – desde tudo que é marginalizado e local – pelo menos em teoria é bem-quista na hora de pensar o que é o fenômeno literário.

Ao abrir as portas para outras áreas do conhecimento como a sociologia, a história, a política etc., a Literatura Comparada permitiu uma nova perspectiva de Literatura que, felizmente, é muito popular na contemporaneidade. Ainda na segunda década do século XXI, fica evidente que há muito ainda para amadurecer, sim, mas que esse movimento *centrípeto* foi extremamente enriquecedor. A sugestão que se faz agora é pensar no seguinte: em que esse novo conceito de literatura pode enriquecer outras áreas do conhecimento, de maneira *centrífuga*? Poderia a literatura influenciar a filosofia, por exemplo? E mais – o que essa percepção de literatura nos permite fazer enquanto comparatistas?

2 A POLÍTICA IMPLÍCITA E A CONTINGÊNCIA DA LINGUAGEM

Não é sugerido se arriscar a criar um *conceito total* de Literatura, muito em parte porque as mudanças na forma como a olhamos e compreendemos, bem como a cultura, nos ensinaram a não abusar de cercadinhos conceituais. É mais razoável, e eficiente, pensar nas características da literatura e, no caso deste ensaio específico, pensar em como essas características, nas mãos de um bom comparatista, comportam um grande potencial de análise que só é possível devido a décadas de amadurecimento.

No século XXI, o caráter político de nossa sociedade tornou-se cada vez mais relevante, o que pode ser notado com a centralidade de debates políticos e identitários em nosso dia a dia. Isso se deu, em parte, por dois motivos: primeiro, a queda vertiginosa da prevalência conservadora nas ideias sociais, intensificada em meados de 1990 (DANNER, 2017), quando uma série de movimentos sociais (como o Movimento Negro, o Feminismo etc.) tiveram seu alcance ampliado e muitas conquistas obtidas. Segundo, a constatação e o debate acerca dos enraizamentos conservadores nos modos de pensar

ocidentais, que partiu sobretudo de povos e países que haviam sido colonizados, e que portanto possuíam maior expressividade daqueles movimentos sociais identitários e políticos preocupados com o eurocentrismo e conservadorismo pelo qual estavam rodeados.

As décadas finais do século XX nas Literaturas Comparadas nos ensinaram que uma produção literária está necessariamente perpassada pela cultura e, conseqüentemente, pela sociedade, um fato inevitável do gesto criativo. Há aqueles poemas e obras *explicitamente* políticas, denunciadoras e combativas, nas quais importantes pautas e perspectivas de individualidades (por vezes coletivas) se amarram, e há aqueles textos que são *implicitamente* políticos, mas nem por isso não combativos ou denunciadores. Como lembra Abdala Junior (2014), a análise literária, sobretudo comparatista, exige do crítico a consciência de seu lócus enunciativo, isto é, “o lugar de onde ele acessa o mundo”, o que implica observação multidisciplinar e político-cultural. O crítico comparatista acessa um texto literário e ao mesmo tempo pensa o lugar de onde analisa e o lugar de onde se produz aquele texto, precisa estar ciente daqueles lugares para compreendê-lo.

Quando uma cultura hegemônica coloniza outra, dá-se uma colocação de superioridade cultural baseada sobretudo na parca ideia de que algumas culturais são mais racionais do que outras. Essa lógica, inclusive, é o que fomentou a sobrevivência do eurocentrismo dentro das Comparadas ali por volta da metade do século XX, alimentando um cânone etnocêntrico sob os dizeres de uma superioridade cultural. É importante discutir a questão da racionalidade nessas relações culturais porque o campo epistemológico, lugar de muito debate dentro da pós-modernidade, afeta diretamente a filosofia como um todo; como as relações literárias são transpassadas por essas questões culturais, *explicitamente* ou *implicitamente* participam de um atrito de forças que assume um conceito dualista de racionalismo: a Europa de mentalidade

cartesiana se considera mais racional do que a amefricanidade poética de Gonzalez, por exemplo. O crítico comparatista, entretanto, lançará mão de uma perspectiva mais razoável de racionalidade, que se afasta da busca de uma suposta verdade maior, surgida da tradição filosófica que ganha força com o cartesianismo europeu e domina a filosofia ocidental, e irá procurar se atentar para o alargamento da compreensão de laços, comportamentos e cosmogonias dentro do contexto social no qual se insere a produção. Isso não é necessariamente assumir que apenas a produção literária marginalizada e oprimida, colonizada, pode ter validade enquanto arte ou a coisa mais preciosa do ocidente contemporâneo, mas apenas que se configura em uma outra teia de relações que não pode e não deve ser analisada com as mesmas lentes das culturas europeias – e mais, a análise consciente e responsável de que culturas hegemônicas esmagaram, pressionaram e ameaçaram culturas subalternas, e que isso gera efeitos nessa teia de relações. É importante não cair numa culpa vaga e irresponsável, mas engajar em análise crítica consciente e respeitosa.

Como se observa, para desempenhar bem o papel de comparatista é preciso entender não apenas a cultura de um modo que escapa ao *modus operandi* cartesiano, mas a literatura como resultado de complexos cruzamentos que resultam numa vontade não de dizer a verdade absoluta, mas posicionar o humano diante das crises pelas quais passaram sua cultura e sociedade. Nesse sentido, a literatura tem sido mais eficiente do que a filosofia para sensibilizar a humanidade diante de suas crises, pois se abre para a multiplicidade das sensibilidades, das relações e das culturas, estando muito mais coerente com a mentalidade e a sede de respostas da contemporaneidade. A busca tradicional pela verdade racionalista deve ser abandonada porque seu binarismo é cego. Deixar de lado o racionalismo também implica abandonar a ideia de uma natureza intrínseca de qualquer coisa que seja, admitindo as flutuações e tensões que são amplamente observadas no mundo contemporâneo, em

especial o complexo mundo colonizado. Se admitirmos que a linguagem é contingente – ou seja, que ela somente produz descrições, mas nunca pode dizê-lo como é, estamos nos permitindo ver um mundo que muda, que é efervescente e está sempre em movimento, cujas relações culturais implodem e explodem em novos sentidos e significados, o que não é possível em uma perspectiva racionalista-europeia. Esta colocaria uma verdade a ser alcançada, e mediria a literatura como mais ou menos próxima da “verdade”, mais ou menos adequada, mais ou menos válida.

Esse percurso sobre a vantagem de uma perspectiva de literatura que se afasta da tradição eurocêntrica foi necessário para discutir, mesmo que brevemente, a questão de como essas complexas teias culturais, num mundo contingente, se revelam ou demonstram no caso daquelas produções em que a política com P maiúsculo – o social – está *implícito*. Daí, estamos falando de uma produção que, metaforicamente, deixa transparecer características culturais específicas.

3 METÁFORA E POLÍTICA

Lakoff e Johnson (2002) nos apresentam a ideia de metáfora conceitual, dividida em três categorias: as *estruturais*, nas quais um conceito é estruturado em termos de outro, ou seja, são utilizadas expressões de um domínio X para nos referirmos a conceitos de um domínio; as *orientacionais*, na qual se organiza “todo um conjunto de conceitos em relação a outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 59), ou seja, “subir o nível” é tornar mais difícil e “baixar o nível” é simplificar; e por último as *ontológicas*, nas quais os eventos, fenômenos e ideias são tratados como entidades, personificadas (LAKOFF; JOHNSON, 2002). Utilizando esses três recursos metafóricos, é possível dizer uma coisa sem dizê-la diretamente.

Como uma equivalência absoluta não é possível, o processo metafórico seleciona determinados aspectos de um conceito para a leitura específica daquela metáfora. Isso quer dizer duas coisas: em consonância com a ideia de um mundo contingente, as coisas nunca são iguais às outras e estão sempre em mudança; mais importante ainda, apenas aquele que se aproxima do texto consciente de que ele é político pode perceber esses movimentos metafóricos. Um experimento saudável pode ser aproximar-se da obra de Alberto Pucheu, ensaísta e poeta brasileiro contemporâneo. No seu último livro publicado de poesia, *mais cotidiano que o cotidiano* (2013), diz:

Não, não são os grandes motores que nos movem cotidianamente, mas aqueles que trabalham em baixa rotação, que quase não se deixam perceber senão quando subitamente engasgam e, de repente, esgarçam o tecido do tempo, que aparece em seu limite, em sua negação, em seu mais fora do presente, do passado e do futuro, fraturado, deixando aparecer, na fratura, um tempo outro, um contratempo, um antitempo, um antetempo, um outro lado do que chamamos como tempo [...] (PUCHEU, 2013, p. 29).

Ora, no texto, é possível falar de como a “fratura” aponta a possibilidade de um “tempo outro” para outra possibilidade de ser e, ao mesmo tempo, um descompasso, um desconexo com o presente, o mundo à nossa volta. Esse outro tempo esboça outras vivências e maneiras de enxergar o mundo, outros hábitos. Não são os grandes motores, mais facilmente percebidos, que verdadeiramente fazem com que esse mundo cotidiano se movimente; são os de baixa rotação, os menores, mais despercebidos, que na verdade efetuam a prática, o hábito, o dia a dia de um mundo com o qual não se conectam. Esse “agora” que não faz sentido, revelado quando tensiona “em seu limite”, esgarçando o tempo, pode ser visto como ordinária cotidianidade – ou a janela que permitiria imaginar toda a potência de um outro mundo, outra organização, um tempo que é várias coisas – contratempo, antitempo, antetempo, todas se opondo ao que é agora. Levar a poesia para esses motores de baixa rotação é uma maneira de confrontar o cotidiano alienado? No trecho, destacam-se metáforas

orientacionais (grandes motores = afortunados, superiores, enquanto motores menores = desafortunados, inferiores), ontológicas (os motores são quase invisíveis, até o momento em que “falham”; o tempo é tensionado, rejeitado diante do fim do alienamento), e naturalmente estruturais, já que toda a metáfora dos motores diante do presente alienado, bem como a possibilidade de um outro agora, com outra maneira de ser e viver, aponta para uma luta de classes, para o controle dos poderosos sobre os fracos e para a brutalidade de uma sociedade competitiva e capitalista, quase sobredeterminada. É um poema sobre as vozes esquecidas que constituem o nosso dia a dia, um atestado sobre o peso do capitalismo e uma herança histórico-social que marca o nosso cotidiano e apaga muitas identidades.

Um outro exemplo, talvez injusto, é aproximar-se de João Cabral de Melo Neto e seu *Cão Sem Plumas* (2007). De certo, há trechos muito explicitamente políticos no poema: Abre-se em flores//pobres e negras//como negros. Abre-se numa flora//suja e mendiga//como são os mendigos negros.//Abre-se em mangues//de folhas duras e crespos//como um negro (MELO NETO, 2007, p. 139). Mas o que interessa é mostrar que mesmo seus trechos mais implícitos podem metaforicamente traduzir esse postulado. A mesma decadência social que leva ao colocado na estrofe citada há pouco é transfigurada já nas duas primeiras estrofes do poema:

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta por uma espada.

O rio ora lembrava a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.

Aquele rio

era como um cão sem plumas.
(MELO NETO, 2007, p. 137)

Na mesma cidade onde há o vigor de um cão que transpassa com facilidade a rua, existe a precariedade deste mesmo cão abandonado que atravessa a rua. Aqui, ser fértil é uma coisa triste, porque significa mais cães a andar sem amparo. É um rio doente como um cão de olhos amarelados, um cão que perdeu seus pelos, suas plumas. Ele se alonga numa luta infinita contra o mar (a maré que por vezes quase leva o rio leito acima), que vai e volta, como a língua de um cão. E esse duelo é o mesmo que experimenta a paisagem, a cidade Recife e seus habitantes: o progresso e a decadência do progresso. Os “caranguejos de lodo e ferrugem” e a “fecundidade pobre” que o rio carrega. Aqui vemos metáforas ontológicas e conceptuais variadas: das ontológicas, o cão adoecido, o rio fecundo e o ventre triste evocam imagens que cruzam com a de criaturas vivas, sofridas, cheias de vigor, mas desamparadas pela miséria. Das conceptuais, essas mesmas imagens são transpassadas com a da paisagem rerepresentada (ao invés de representada), o aumento da pobreza, da sujeira e da ferrugem, que apontam para o desenvolvimento e a industrialização da cidade, a ameaçar o rio, o mangue e seu povo. O cão é o próprio rio, e tudo ao seu redor é todo um grupo subalternizado, marginalizado, que não ganha os benefícios desse progresso, apenas a doença do rio que se alastra, estagnando a todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que essa breve divagação e análise dos trechos acima sugere é que, cientes do fato de que toda produção é política, é possível ver as teias de sentido do texto se conectarem com a realidade metaforicamente, rerepresentando-a com outras imagens e sentidos que não dizem diretamente o

que carregam em si. O percurso dos avanços da Literatura Comparada no final do século passado e início do XXI serve para apontar como cresceu, entre os críticos literários, a consciência de que a produção contemporânea necessariamente fala sobre as crises sociais contemporâneas. Em toda produção há algo sobre alguém, de um jeito ou de outro; há algo sobre a pobreza, sobre a invisibilidade, sobre a mesquinharia. Mas o que este ensaio propõe não é um método, mas uma questão: usando da análise metafórica, é possível ver os movimentos culturais por trás da tessitura daqueles textos? Ao que me parece, usando desse olhar consciente, um comparatista poderia pegar o poema de um holandês e de um argentino e comparar os dois universos que os precedem mesmo que nenhum dos dois seja explicitamente político.

É importante ressaltar que a metáfora cria aproximações que só existem a partir da projeção metafórica, aproximando ou diferenciando ideias num jogo que seleciona e exclui. Nesse sentido, selecionar certos domínios de sentidos ao invés de outros está diretamente conectado à percepção do sujeito que efetua esses processos metafóricos. É por isso que o comparatista deve sempre estar ciente do lugar do qual fala e, especialmente, do lugar de onde falam os poetas e escritores que analisam. Lakoff e Johnson (2002) consideram que no caso das metáforas conceptuais, há um aspecto inconsciente de ocorrência, mas cabe se perguntar sobre a possibilidade dessas metáforas terem sido utilizadas, em mais de uma ocasião, como artifício poético consciente e proposital.

Essas considerações e propostas estão em consonância com o espírito da Literatura Comparada na contemporaneidade. Inocência Mata (2020), comentando a ideia de Literatura Mundo, coloca que a obra literária se manifesta de maneira distinta nos diferentes contextos e culturas do mundo, e necessariamente interroga sobre a hegemonia de certas expressões literárias. Penso que uma análise das metáforas em uma produção pode revelar o intenso entrecruzamento de aspectos como raça, etnia, situação socioeconômica e

origem sociocultural, *implícitos* muitas vezes, observando diretamente os processos que explicariam, mesmo diante da Literatura Mundo, a predileção de uns em relação a outros, escancarando as injustiças de um “poder sutil” a perpetuar certas relações de poder.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, B. Estudos Literários e crítica política. **Conexão Letras**, v. 9, n. 12, 2014.

CARVALHAL, T. F. A estratégia interdisciplinar. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 1, n. 1, 1991, p. 9-21.

COUTINHO, E. Literatura Comparada Hoje. In: Estudos Comparados: (org.) ABDALA JUNIOR, B. **Teoria, Crítica e Metodologia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

DANNER, L. F. Estado, política e evolução social: uma tendência para este século XXI. **Sociedade e Estado [online]**. 2017, v. 32, n. 1, p. 61-87.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercados de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

MATA, I. A mais-valia epistemológica da categoria *Literatura-mundo comparada* nos Estudos Literários Pós-Coloniais. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 1, n. 26, 2020, p. 111-134.

MELO NETO, J. C. de. **O cão sem plumas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

PUCHEU, A. **Mais cotidiano que o cotidiano**. Rio de Janeiro: Azougue, 2013.

REMAK, H. Comparative Literature, its definition and function. In: STALLKNECHT e FRENZ (ed.). **Comparative Literature: Method and Perspective**. Illinois: Southern Illinois University Press, 1971.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 05 de Janeiro de 2022.

Aprovado em sistema duplo cego em: 12 de Julho de 2022.